

## Neutralização /n/ : / $\underset{v}{n}$ / em Sergipe (\*)

0. Este estudo trata de ocorrências da OCLUSIVA NASAL PALATAL SONORA / $\underset{v}{n}$ / em formas como *na, nada, não, nê, nem, nome, novo, ninguém, num* (= em um, não), *nunca*, onde a norma é ouvir-se a oclusiva nasal alveolar sonora /n/. Essas ocorrências estão documentadas abundantemente em inquéritos realizados em julho/agosto de 1967, com vistas ao *Atlas Lingüístico de Sergipe*.

0.1 Imaginamos, de início, retirar todos os exemplos nos quatro (dos cinco) inquéritos realizados em Ribeirópolis (Se), o que significaria trabalhar sobre 13 hs 15' de registro. A quantidade de material reunido com a audição integral e anotação exaustiva da informante do sexo feminino (ZS) levou-nos a concluir que o mesmo processo de análise estendido aos outros três (já anteriormente ouvidos, mas sem anotação sistemática) nada acrescentaria, qualitativamente, ao material anterior. Daí o caráter assistemático com que são citadas as ocorrências nos informantes JS, JT e FP. Quanto à documentação do mesmo fato em outras localidades tra-

zemos apenas as fornecidas pelo informante MS (inquérito realizado em Divina Pastora), transcrito antes da feitura desta comunicação, no curso das audições regulares para o Atlas de Sergipe.

Servem, por conseguinte, de base à análise e tentativa de interpretar a neutralização /n/ : /ɲ/ os exemplos recolhidos em ZS (anotação integral), JS, JT, FP e MS (anotação parcial).

1. A lembrança que ficou nos inquiridores da existência dessa neutralização na localidade de Ribeirópolis, onde estivemos de 1.º a 3 de agosto de 1967 para os inquéritos definitivos do Atlas de Sergipe, não só na fala dos informantes escolhidos para figurarem como representantes do falar local, mas no geral da população, animou-nos a uma abordagem inicial e desprovida de maior pretensão.

2. RIBEIRÓPOLIS (antigo Saco do Ribeiro) foi escolhida desde 1963 (quando se estabeleceu a rede do Atlas) como uma das localidades situadas na zona Oeste do Estado, por preencher as exigências indispensáveis e já conhecidas para trabalhos dessa natureza (1). Encontra-se numa região colonizada desde o início do século XVII, quando contingentes holandeses interessados em jazidas de metais terminaram fixando-se ali, depois de se empenharem em lutas de conquistas. Nessa região inclui-se também o município de Itabaiana (onde nasceu o informante 4), ao qual Ribeirópolis esteve administrativamente subordinado até o início deste século, apresentando ambos pontos de semelhanças étnicas e econômicas. As características étnicas dos habitantes dessa região, ainda hoje chamada Matas de Itabaiana, foram até agora explicadas por aquela contribuição de batavos no século XVII. Na verdade, é flagrante, em Ribeirópolis, a predominância de pessoas de tez clara e olhos azulados. Transcrevemos a seguir o testemunho da informante ZS (cuja extraordinária simpatia humana muito facilitou a cansativa aplicação do questionário ao qual foi submetida durante 5 hs 15', de quem talvez não fosse exagero deprender alguma insatisfação pelo fato de incluir-se numa minoria de cor escura entre os habitantes da localidade. No correr do inquérito, a propósito das perguntas 239, 240, 241 e 242 (caracterização de mestiços) comentou:

*"Aqui é um lugar que a preta que tem é eu mesmo. Porque são tudo moreno, esse disser que é moreno é prá brigar... Todo mundo aqui é branco, ninguém é preto não."* [FRB 74 Co.4, 196].

Mais adiante, a propósito da pergunta 327 (apelido, al. cunha) e referindo-se ao filho diz que:

"... O povo chama *Negão*, *mode* [= *porque*] *é preto, né? Aquele outro que é companheiro dele se chama Tonho, o povo chama *Neguim*, porque não vê que [ele] é preto?" [FRB 57 Co,1,051-054].*

Convém ressaltar que os dados linguísticos fornecidos por ZS (inf. 1) dão-nos a tranquilidade de afirmar que não se trata de característica peculiar à minoria de cor escura antes referida, porque eles se confirmassem qualquer sombra de dúvida — nos inquéritos aos informantes JT (inf. 3) e FP (inf. 4) ambos brancos, de olhos azuis, e JS (inf. 2) de cor morena, e até mesmo em MS (inf. 5), natural de outra localidade, Nossa Senhora das Dores, que não apresenta nada de especial quanto à formação étnica — que se saiba (2).

3. Com o registo do fato no informante de Nossa Senhora das Dores amplia-se a área geográfica em que ele ocorre, favorecendo outras aberturas para sua interpretação. Em princípio admitimos que as 146 hs 45' de registo magnetofônico, dos inquéritos realizados em Sergipe, mesmo não tendo sido estes orientados especificamente para apurar a existência dessa neutralização, serão suficientes para delinear a extensão geográfica do fato. Não se deve considerar de todo surpreendente que se evidenciem nos registos magnetofônicos durante as análises de laboratório fatos que por qualquer circunstância se localizem, com maior freqüência, à margem do questionário. Assim sendo, em caso de transcrição direta, talvez escapassem às anotações do inquiridor ou aparecessem tão raramente documentados os casos como esse, que não autorizariam qualquer tipo de abordagem.

4. Antes de passarmos aos exemplos que constituem o núcleo dessa comunicação, vamos sumarizar o processo de análise a que submetemos as respostas da inf. 1. A audição e anotação dos dados exigiu uma atenção diversa daquela que estamos dando aos trabalhos de audições regulares para o Atlas. O fato ocorria com muito maior freqüência ou nas respostas negativas, ou nos comentários que se seguiam às respostas. Por exemplo:

[maĩ nũ tẽĩ\_ñãũ, vẽdzJ,ãũ dı ,ẽĩja] aqui na rua, [nũ tẽĩ\_ñãũ], [FRB 75 Co, 1, 198], quando perguntada pelo VENDEDOR AMBULANTE DE LENHA (perg. 365)

e [za dõh,dı i tre,ç>x] todo mundo [tẽĩ,ñç] [FRB 74 Co,4, 156-7], como comentário à resposta dada à perg. 228: DOENÇA NOS OLHOS QUE INFLAMA AS PÁLPEBRAS E FAZ CAIR AS PESTANAS.

Na verdade não deixa de ser curiosa a circunstância de retirar-se de respostas negativas a maior parte dos exemplos que servem como documentação. Mas essa abundância deve-se de um lado à espontaneidade resultante do esforço de manter-se, tanto quanto possível, um diálogo entre o informante e o inquiridor, como ressaltou no item 1.1 de sua comunicação ao II Congresso Interamericano da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (S. Paulo, 1969) o Prof. Nelson Rossi, e por outro lado ao próprio estilo dos inquiridores de tentar ampliar uma informação obtida com perguntas do tipo: AQUI TEM?, TEM OUTRO NOME? ou CHAMA DE OUTRO JEITO?, AQUI FAZ? das quais podem resultar respostas do tipo: NÃO TEM NÃO, NÃO SEI NÃO, NÃO FAZ NÃO, como de fato aconteceu.

4.1 Começamos por anotar todas as ocorrências das formas *na, nada, não, né, nem, nome, num, nunca*, aparecessem elas com a oclusiva nasal alveolar sonora /n/ ou com a oclusiva palatal sonora /ɲ/. Dispensamo-nos, no entanto, de proceder a esse levantamento exaustivo até o fim do registo (figuram no quadro como não computados), em face da elevada freqüência de algumas dessas formas e — o que era de esperar — da freqüência maior com que ocorriam com a oclusiva nasal alveolar sonora, isto é, sem que se registasse a neutralização que pretendíamos estudar. A partir da pergunta 34 decidimo-nos por uma anotação mediante seleção crítica do material, atentos aos casos de interesse para uma possível análise distributiva: transcrevemos todos os casos de /ɲ/, mesmo quando repetidos, e os contextos fônicos em que se inseriam, procurando, na medida do possível, selecionar também os casos de oclusiva nasal alveolar sonora /n/ nos contextos fônicos idênticos, com vistas a uma comparação posterior. Das formas de mais baixa freqüência, como *nada, nome, nunca* foi possível anotar todas as ocorrências com /n/ e /ɲ/.

Quanto a *nesse, nessa* e plurais, *nós, nossa, nenhum, ninguém* foram observados também durante a audição mas verificou-se ao final que sempre ocorreram com /n/ e nunca com /ɲ/. Outras formas com o *naibo, nasceu, negão, neguim* ('neguinho'), *noite, nojo, nublado, etc.* sempre ocorreram com /n/.

4.2. A partir do material anotado, assim se apresenta o quadro das ocorrências:



- 4.3.2 /ei/ SEI (41 vezes); VE (I)Z (por *vez* — um exemplo realizado com a fricativa palatal sonora /ʒ/).  
TOTAL: 42 vezes
- 4.3.3 /ai/ seguido ou não de consoante implosiva, ora realizada como fricativa palatal sonora /ʒ/, ora reduzida a uma aspiração: MAIS (= *mais* e *mas*, 15 vezes); VAI (3 vezes); FA (I)Z (por *faz*, 3 vezes); DEMAIS (duas vezes).  
TOTAL: 23 vezes
- 4.3.4 /oi/ FOI e DOIS (uma vez cada), realizado o último com, uma aspiração final [doi<sup>h</sup>].  
TOTAL: duas vezes
- 4.3.5 /eu/; /i/; /ui/ — EU, DÓI e FUI (uma vez cada).
- 4.3.6 Ocorreu ainda /ŋ/ depois de:  
QUASE (três vezes, [xwa<sup>h</sup>, xwa<sup>hi</sup>, xwa<sup>ži</sup>]); CHOVE (uma vez); E (uma vez, /i/); AÍ (uma vez); FIZ (duas vezes, a consoante final realizada como fricativa palatal sonora /ʒ/). Esses casos parecem, de certa forma, relacionar-se com os anteriormente citados em 4.3.2 e 4.3.3.
- 4.3.7 Finalmente, convém ainda assinalar as ocorrências do /ŋ/ precedido das formas DO (duas vezes); DISSO, ISSO, MARRIDO, MUITO, AINDA (uma vez cada). Nesses casos não nos pareceu que o segmento fônico imediatamente anterior estivesse em relação com a realização palatal, mas, quem sabe, essa relação se devesse procurar em um segmento anterior, mesmo que mais afastado.
- 4.4 Os exemplos de /nɛ/, preferimos agrupar isoladamente. Eles diferem dos anteriores, como se disse em 4.2.3, com exceção dos dois ali transcritos, por estarem separados por uma pausa *mais* ou *menos* longa a depender de inúmeras variáveis (entonação, ritmo da elocução, extensão do contexto fônico, expressividade, etc.). Observe-se, a partir dos exemplos que se seguem, que apesar da pausa os segmentos fônicos imediatamente anteriores ao /nɛ/ têm bastante em comum com os que aparecem arrolados em 4.3. Fornecemos, como fizemos a propósito de NHÃO, NHUNCA, NHOME, etc., o número de ocorrências de NHÊ e as respectivas formas que o antecederam.
- 4.4.1. /ěi/ TEM (5 vezes); TAMBÉM (duas vezes).  
TOTAL: 7 vezes.
- 4.4.2 /ei/ SEI, MEI[O], VERMEI (por *vermelho*), CHINE (I)S, ARREI[O] (uma vez cada).  
TOTAL: 5 vezes.
- 4.4.3. /ai/ SAI (duas vezes); MAIS, TRÁ (I)S (uma vez cada).  
TOTAL: 4 vezes.

- 4.4.4. /oi/ BOI (duas vezes); PO (I)S (uma vez).  
TOTAL: 3 vezes.
- 4.4.5. /ui/ LU (I)Z (por *luz*); BARUI[O] (por *barulho*)  
(uma vez cada)  
TOTAL: duas vezes.
- 4.4.6. /ũi/ RŪIM (três vezes, por *ruim*).  
TOTAL: 3 vezes.
- 4.4.7. /JU/ REMÉDIO, ÓIO (por *olhos*), (uma vez cada)  
TOTAL: duas vezes.
- 4.4.8. Ocorreu ainda /nɛ/ depois de:  
TEVE, CONHECE e SERVIÇO (uma vez cada), casos em  
que, como dissemos em 4.3.7, não nos pareceu que a rea-  
lização palatal estivesse em relação com o segmento fôni-  
co imediatamente anterior.
- 4.5 Como já dissemos em 4.1, procuramos, na medida do pos-  
sível, selecionar casos de oclusiva nasal alveolar sonora,  
inseridos em contextos fônicos idênticos àqueles em que ocorria tam-  
bém a oclusiva nasal palatal, dos quais trazemos alguns exemplos a  
seguir. Deixamos de fornecer dados numéricos a esse respeito, isto  
é, da predominância de um tipo de realização sobre outro, porque  
não anotamos integralmente os casos de /n/.

Como observação preliminar, chamamos atenção para o  
fato de não haver exemplos de TEM NÃO, SEI NÃO, como seria  
de esperar dada a quantidade de exemplos de TEM NHÃO, SEI  
NHÃO.

1. QUEM NÃO	"[kēi, xɛ lɛ,va a xɪ.ɪna ]ɛva, kēi nãũ iJēsɜ,dētũ]"	FRB 73 Co,4 597
2. TAMBÉM NUM	"[xwãzɪ tã,mēi nũ çɛɪ nãũ, dz,ze...]"	75 Co,1 078
3. VE (I)Z NUM	"as [vɛɪz nũ ,sɜvz, nJãũ]"	73 Co,4 399
4. MEU NOME	"... mas meu [nomɪ] é Zefa mesma"	73 Co,4 236
5. QUASE NÃO	"não, essa coisa eu [xwãhɪ nãũ xɔɪ,çɪa]"	73 Co,4 264
6. QUASE NUM	"[Jɛu, xwãzɪ nĩ çɛz...]"	74 Co,4 061
7. AÍ NA	"[šɛg <sup>a</sup> ɪ na] banca, corta e vende"	74 Co,1 079

5. A propósito da ocorrência de /n/ em outros informantes  
(JS, JT, FP e MS), anotadas assistematicamente conforme  
dito em 0.1, podemos afirmar que, de referência aos con-

textos fônicos em que se inserem, nada acrescentam ou ampliam ao anteriormente deduzido da audição do inquerito de ZS, informante 1. (NHINGUÉM e NHOVO foram, do ponto de vista de forma, os únicos dados novos em relação ao informante 1).

Ocorre /ɲ/ em:

- JS (inf. 2) nas formas NHA, NHÃO, NHEM, NHOME  
JT (inf. 3) nas formas NHÃO, NHOVO (por *novo*)  
FP (inf. 4) nas formas NHA, NHADA, NHÃO, NHUM,  
NHUNCA  
MS (inf. 5) nas formas NHADA, NHINGUÉM, NHÃO,  
NHOME, NHUM.

6. Para concluir, mas apenas à guisa de fecho:  
6.1 Os autores julgam ter apresentado elementos que resultaram de uma abordagem inicial e desprovida de qualquer pretensão conclusiva e esperam vê-los discutidos à luz de novas idéias que venham possibilitar a abertura de outras perspectivas.  
6.2 O estudo do contexto fônico que apresentamos não deve ser interpretado como o único caminho através do qual se poderia chegar, algum dia, ao esclarecimento do fato, mas não nos pareceu uma hipótese a desprezar.

Pelo contrário, pareceu-nos evidenciar-se com a análise dos contextos fônicos, enumerados em 4.3, um certo condicionamento da realização palatal /ɲ/ aos segmentos fônicos que o precedem. Pode-se observar que ocorreu /ɲ/ na maioria das vezes quando esse fonema era precedido de palatais imediatamente contíguas ou não. No primeiro caso, contíguas, mais freqüentes do que no último.

- 6.2.1 Concordamos com a opinião de Nelson Rossi, segundo a qual a neutralização documentada em RIBEIRÓPOLIS e em outras comunidades sergipanas se venha processando por fases: a primeira delas seria a de uma neutralização esporádica, favorecida pela contigüidade, no segmento fônico, de fonemas palatais e nasais; na segunda, já por extensão, o fato se apresentaria em outros contextos, ou seja, quando os fonemas imediatamente anteriores fossem palatais, *não nasais*; e em uma terceira fase a neutralização poderia ser surpreendida em contextos *não palatais e não nasais*. O número reduzido de exemplos da terceira fase poderia ser interpretado como indício de processo aberto, ou seja, como marca do caráter ainda incipiente dessa 3.<sup>a</sup> fase.

Por outro lado, não podemos deixar de levar em conta a situação *sui generis* da oposição fonológica /n/ : /ɲ/ no sistema. O seu caráter opositivo em posição inicial, sobejamente comentado nos estudos de fonologia portuguesa (cf. MATTOSO, LUDKE,

MORAIS BARBOSA, etc. (\*) confere ao fato surpreendido em Ribeirópolis um sabor especial, principalmente porque as ocorrências se verificam em formas da língua do dia a dia, em contraste com o exemplário vigorosamente inusitado a que se é obrigado a recorrer. NATA/NHATA, NUM/NHUM, NHAMBI, NHUMBO, etc. muito dificilmente figuraria no repertório léxico dos informantes citados, nem no da maioria dos de fala urbana.

Do ponto de vista da comunicação, teoricamente o uso indistinto de uma entidade /ɲ/ em lugar de /n/, desde que não conduza à associação de um outro significado, é claro, nada teria a impedir esse trânsito, como foi possível constatar *in locu*.

JACYRA MOTA  
NADJA ANDRADE

(\*) Comunicação apresentada ao II Congresso Interamericano de Associação de Linguística e Filologia da América Latina. S. Paulo, 3-8 junho, 1965.

1 Cf. Rossi, Nelson. "Introdução". In: *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro, Inst. Nac.do Livro, 1965. p. 21-30.

2 Informação sobre os informantes citados nesta comunicação, apresentada — como no APFB, p. 10 — na seguinte ordem: Nome completo. — Nome por que é conhecido ou apelido. — Idade. — Sexo. — Profissão. — Local de Nascimento. — Estado civil. — Local de nascimento do cônjuge. — Local de nascimento do pai. — Local de nascimento da mãe. — Grau de instrução. — Serviço militar. — Viagens. — Domicílios e tempo de permanência fora da localidade. — Inquiridor. Para facilitar a consulta, preenche-se o espaço correspondente a uma informação não obtida ou desnecessária com o sinal ---.

#### *Informante 1 (ZS)*

JS. — Zefa. — 50. — F. — Lavradora e faz farinha. — No Sítio, em Ribeirópolis. — Casada. — Catende. — No Sítio. — No Sítio. — Analfabeta. — ---. — Serra de Itabaiana (onde se demora mais, uma semana) e Glória, Frei Paulo, Cruz, Carira, Cotinguiba (no caminho de Aracaju). — N. Andrade.

#### *Informante 2 (JS)*

JS. — José. — 47/48. — M. — Lavrador e trabalha com criação. — Ribeirópolis. — Casado. — Ribeirópolis. — Ribeirópolis. — Ribeirópolis. — Analfabeto. — Não prestou. — Conhece Carira, Simão

Dias, N.S. da Glória, Frei Paulo e Itabaiana (vai a negócio, “na jardineira, bem cedo” e vem de tarde). — N. Rossi.

*Informante 3 (JT)*

JT. — João Torquato (porque é filho de Torquato). — 63. — M. — Roça (própria: de milho, algodão, mandioca) e Armeiro. — Vagem do Gama (a uma légua de Ribeirópolis, pertencente a Ribeirópolis). Casado. — Ribeirópolis. — Vagem do Gama. — Pé de Veado (perto de Itabaiana e pertencente a Itabaiana). Analfabet. — Não prestou. — Nunca viajou. — N. Rossi, inquérito paralelo.

*Informante 4 (FP)*

FP. — Chico. — Não sabe porque não tem “era assentada”, parece ter 40 anos (o filho mais velho tem 20). — M. — Na roça ou no “ganho”, como estava antes do inquérito: na farinhada. — Campo Grande (a uma légua e meia ou duas de Ribeirópolis, município de Itabaiana. Há dez ou doze anos está em Ribeirópolis). — Casado. — —. — Campo Grande. Analfabeto. — Não prestou. — Glória (uma vez), Frei Paulo, Itabaiana, mas se demora pouco. — J. Mota, inquérito paralelo.

*Informante 5 (MS)*

MS. — Sulunga. — 42. — Planta capim (antes foi carreiro, vaqueiro, agricultor (em Bonfim). — N.S. das Dores. — Casado. — Canabrava (acima de Santa Rosa de Lima). — Nossa Senhora das Dores. — Nossa Senhora das Dores. — Analfabeto. — Não prestou. — Em dores até 16 anos. Morou em Bonfim (povoado de Divina Pastora), no Castanho (fazenda de S. Félix). De vez em quando passa 2 a 3 dias em Aracaju. — J. Mota.

<sup>3</sup> Na transcrição fonética utilizamos o sistema do APFB com adaptações: /n/ nasal palatal sonora, /s/ fricativa palatal surda, /z/ fricativa palatal sonora. Como para o Atlas da Bahia, (.) indica a sílaba tônica.

<sup>4</sup> Câmara Jr., J. Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro, 1953. p. 102 — Ludtke, H. *Fonemática portuguesa, I: consonantismo*. *Bel. de Filologia*. Lisboa, 13 (3-4): 273-288. — Barbosa, J. Morais. *Études de Phonologie portugaise*. Lisboa, 1965. p. 18.